

O bombardeio do Camboja (1969-1973): uma análise a respeito de suas causas e seu impacto na ascensão do Khmer Vermelho

Jorge Arbage*

Resumo: Desde o fim do regime do Khmer Vermelho sobre o Camboja em janeiro de 1979, inúmeras obras se debruçaram sobre o tema, eventualmente moldando o pensamento a respeito desse regime e da relação de sua ascensão com o contexto da Guerra do Vietnã e do bombardeio americano. Muitos desses estudos focaram no papel de Nixon e Kissinger, atribuindo a ambos (e aos Estados Unidos) a responsabilidade pela ascensão e modus operandi do Khmer Vermelho. Este artigo é uma tentativa de oferecer uma outra perspectiva a respeito da questão: busca explicar como e porque os Estados Unidos bombardearam o Camboja entre 1969 e 1973, qual o objetivo da operação e quais os impactos disto na ascensão do Khmer Vermelho.

Palavras-chave: Bombardeio do Camboja, Guerra do Vietnã, Khmer Vermelho, Pol Pot, Kissinger, Nixon.

Os santuários

Desde a independência do Camboja em 1954, a cena política do país era dominada pela figura de um homem faustoso e extravagante. Apesar de seu caráter teatral e pomposo, ele soube jogar com as forças políticas ao seu redor, de modo a se manter no poder. Poucos políticos tiveram a capacidade de flertar com diversas forças quanto o rei Norodom Sihanouk; e desde o início da guerra o monarca havia tomado a decisão de fazer do Camboja um país neutro, atitude que gerou sérios problemas para os Estados Unidos: os americanos sabiam

* Graduando em História pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo. E-mail: Jorge.brito@usp.br

que os norte-vietnamitas se aproveitavam de tal neutralidade e que, desde a escalada do conflito, vinham utilizando o território cambojano para enviar suprimentos através de seu território; ademais, se aproveitavam da situação para montar bases do outro lado da fronteira.

Na virada de 1968 para 1969 já se tornara evidente, tanto para os correspondentes de guerra quanto para acadêmicos e políticos, que o Vietnã era causa perdida. Chomsky, por exemplo, alertara que: “tal como se mostram hoje as coisas [1969], parece improvável que a resistência vietnamita entre em colapso” (CHOMSKY, 2006, p. 18).

Para os americanos, interromper o fluxo de suprimentos que seguiam através da trilha Ho Chi Minh¹ e destruir as bases secretas presentes no Camboja - chamadas pela inteligência americana de “santuários” - se tornara condição indispensável para o sucesso de uma retirada organizada. A prioridade se tornou, então, sair do Vietnã sem que Saigon entrasse em colapso, encontrar, nas palavras de Nixon, um “fim honrado” para a guerra, expresso em sua famosa expressão: “Paz com honra”.

Portanto, antes de sair da guerra, era vital garantir que seu aliado, o Vietnã do Sul, pudesse resistir às forças comunistas dos exércitos do Vietnã do Norte e dos Vietcongues. A administração Nixon adotou, então, a doutrina da ‘Vietnamização’. No papel, era algo extremamente simples: os Estados Unidos iriam gradualmente retirar suas tropas do Vietnã ao mesmo tempo em que fortaleciam o exército do Vietnã do Sul. Pode-se, inclusive, levar o nome ao pé da letra: ao sair da guerra, os EUA estariam ‘vietnamizando’ o conflito, ou seja, Washington transferiria a responsabilidade integral da guerra às mãos de Saigon. A nova doutrina previa somente apoio logístico, treinamento e suporte material ao exército sul-vietnamita.

¹ Trilha Ho Chi Minh’: nome dado ao emaranhado de milhares de túneis, trilhas e estradas que conectavam o Vietnã do Norte ao Vietnã do Sul, passando através da fronteira com o Laos e o Camboja, pelo meio da selva densa, que possibilitavam o envio ininterrupto de soldados, armas e suprimentos para as tropas comunistas.

O bombardeio do Camboja (1969-1973): uma análise a respeito de suas causas e seu impacto na ascensão do Khmer Vermelho

Se retirar sem que o Vietnã do Sul entrasse em colapso não era, de forma alguma, uma tarefa fácil. O problema da 'Vietnamização' era o tempo, haja vista que os Estados Unidos só poderiam retirar suas tropas à medida que o Vietnã do Sul conseguisse fortalecer seu exército, de forma a evitar um colapso militar após a retirada americana.

Há algo muito importante a se destacar por detrás deste processo – ele representa, acima de tudo, o cerne da lógica para a retirada do Vietnã: a 'Vietnamização' significa que Kissinger e Nixon não enxergavam o Vietnã do Sul somente como um agente de grande importância no processo, mas um agente cuja sobrevivência era vital; para ambos, a única forma de se retirar da Guerra seria por meio de um acordo de paz trilateral, que envolvesse Washington, Hanói e Saigon. Uma retirada unilateral ou um acordo em separado com o Vietnã do Norte estavam, portanto, descartados. A implicação disso era gravíssima, pois a partir daquele momento toda a lógica da retirada estaria atrelada à sobrevivência militar do Vietnã do Sul, um país militarmente frágil e que, com o retorno das tropas americanas, corria grandes riscos de ser derrotado pelo Norte.

Não obstante, para agravar ainda mais a situação, um novo grupo havia entrado em cena: o Khmer Vermelho. Este novo exército de guerrilheiros começou a efetuar uma série de ataques contra a monarquia de Sihanouk. Uma nova insurgência estava começando e em 1967, com o início das atividades armadas do KV, tinha início a primeira etapa da guerra civil do Camboja.² Um ano depois, em janeiro de 1968, o Khmer Rouge iniciou uma nova ofensiva rumo ao poder - a contragosto dos vietnamitas, que fariam de tudo para manter o rei Sihanouk no poder e se aproveitar de sua neutralidade.

Para os americanos, o problema se intensificou. Agora, havia dois inimigos a combater: os comunistas do Vietnã e os do Camboja. Mas como atacar o inimigo no Camboja se

² O envolvimento do Khmer Vermelho na ofensiva de 1967 é controverso. Ao que tudo indica, eles foram de fato responsáveis pelos eventos mas, devido ao fracasso, apagaram a ofensiva de 1967 de sua história e tomaram 1968 como o início da luta da armada. Para mais, ver: Ben Kiernan (2004), pp. 249,250, 267; Ben Kiernan (2008), p.126; Philip Short (2004), pp.165-167; David P. Chandler (1991), pp.163,164,166.

Sihanouk declarara neutralidade? Aquela pequena e agrária nação do Sudeste Asiático se viu, de repente, no centro das atenções. Um ataque ao Camboja poderia ser a solução. Iria, ao mesmo tempo, resolver uma série de questões: enfraquecer a trilha Ho Chi Minh, combater o Khmer Rouge no Camboja e os santuários na fronteira, apoiar o regime aliado do Vietnã do Sul e, o mais importante, ao proteger a fronteira oeste do Vietnã do Sul, o ataque ao Camboja garantiria uma retirada segura dos EUA do conflito.

Mas havia um impasse: Sihanouk sabia que era preciso manter o Camboja neutro e faria de tudo para tal. Para o monarca, a neutralidade era “a condição para a sobrevivência do povo cambojano” (STATEMENTS, 1973, p. 1). Sua atitude não era somente um posicionamento político; era, acima de tudo, a garantia de que o Camboja estaria fora da Guerra do Vietnã. Quais seriam os impactos de uma guerra dentro de um país tão pobre e atrasado? O rei sabia dos riscos e desde que se tornou uma figura pública, cerca de vinte anos antes, mudou constantemente seu posicionamento político de modo a manter o Camboja sempre distante dos conflitos que assolavam a Ásia. Para um embaixador americano, suas atitudes, “embora bizarras”, eram “moldadas por um nacionalismo intenso e de raízes profundas”, no qual ideologias possuíam “pouca, ou nenhuma, influência” (SHAWCROSS, 2002, p.71).

Sihanouk era tudo, menos previsível; para alguns, um oportunista, um perfeito exemplar do fisiologismo; para outros, “um talentoso estudante da realpolitik” (CHANDLER, 1997, p. 28). Por trás do modo intransigente como defendia a neutralidade de sua nação havia, sem sombra de dúvidas, uma lógica de autodefesa. Nas palavras de Chandler:

Se ele tivesse recusado apoiar os insurgentes vietnamitas, eles teriam estabelecido bases no Camboja sem sua permissão e matado quantos cambojanos fossem necessários para cumprir seu objetivo. Se ele tivesse se alinhado ao Vietnã do Sul, o Camboja teria sido sugado para dentro do furacão da guerra. Se ele tivesse declarado apoio para qualquer lado do conflito, os outros teriam aberto fogo. [...] Sua contraditória política de buscar alinhamentos sem alianças enfurecia seus oponentes, embora fizesse sentido para ele. As alternativas eram piores (CHANDLER, 1991, p. 182).

O bombardeio do Camboja (1969-1973): uma análise a respeito de suas causas e seu impacto na ascensão do Khmer Vermelho

Graças aos esforços de Sihanouk, no mapa da Indochina, “apenas o Camboja permanecia inquebrável”. Shawcross escreve:

Sua vulnerável neutralidade era abusada por todos lados do conflito, especialmente pelos comunistas vietnamitas, mas a política [de neutralidade] permitiu que a vasta maioria do povo vivesse em volta de seus pagodes, trabalhasse nos campos e pescasse em seus rios. Havia, em 1969, um pequeno movimento insurgente, o Khmer Rouge, com cerca de 4 mil membros. Ele conseguia atingir postos militares isolados, assassinar oficiais de vilarejos, mas não havia nenhum prospecto de sucesso. A honesta ilusão de abundância, paz e segurança era o suficiente para convencer a maioria da população. Por isso, quase todo o crédito – salvo aquele que deve ser dado ao relativo autocontrole de Johnson – deve ir para o Príncipe Sihanouk. Apesar de muitos de seus fracassos domésticos e estrangeiros, ele enxergou, sozinho, como o povo do Camboja poderia ser protegido e, sozinho, ele o conseguira (SHAWCROSS, 2002, p. 73).

Tudo mudou em janeiro de 1969 com a ascensão de Nixon; era só uma questão de tempo até a Guerra do Vietnã atravessar as fronteiras do Camboja. Dado que uma ação unilateral estava fora de cogitação e que a retirada estava intimamente conectada à sobrevivência do governo de Thieu, não havia outro modo de os Estados Unidos saírem da guerra sem atacar o país, posto que a presença velada dos soldados comunistas dentro dos santuários no Camboja impossibilitava que os EUA pudessem sair da Indochina sem comprometer o regime de Saigon. Localizado a oeste do Vietnã, o Camboja precisava se manter um território seguro e livre da influência comunista para que, assim, quando os americanos deixassem o Sudeste Asiático, o Vietnã do Sul pudesse resistir. Como citado em um memorando enviado à Nixon pelo secretário de defesa Melvin Laird, os militares indicavam que bombardear o país tinha “importância direta no sucesso da Vietnamização” (DOCUMENT 263, 1970).

Em discurso à nação meses depois, Nixon foi claríssimo quanto a questão. Disse que diante da situação, havia somente três opções, sendo a primeira delas “não fazer nada”: o resultado da inércia seria que “as vidas de americanos que permanecerem após nossa próxima retirada de 150 mil homens estarão ameaçadas”. A segunda delas seria armar o exército cambojano, o que não poderia ser feito “de maneira rápida e eficaz”. O presidente, então, se posicionou ao lado de um mapa do Sudeste Asiático e falou:

Se o Vietnã do Norte também ocupar toda essa faixa do Camboja [indicando a região da fronteira] ou o país inteiro, significará que o Vietnã do Sul estará completamente cercado. As forças americanas e sul-vietnamitas na região ficariam em uma posição militar insustentável. [...] Nossa terceira opção é ir ao cerne do problema: isso significa limpar grandes territórios ocupados pelos norte-vietnamitas e pelos Vietcongues. Estes santuários servem como base para ataques contra forças cambojanas, estadunidenses e sul-vietnamitas (NIXON, 1970).

O ataque aéreo ao Camboja era, portanto, uma condição inevitável da lógica da retirada americana do Vietnã. Embora a violência do bombardeio deva ser reconhecida, a ação não foi um ato de barbárie gratuita, tampouco um capricho das personalidades maléficas de Kissinger e Nixon. Não podemos cometer o erro de ignorar o quão limitadas eram as opções para a retirada. Veja só, era preciso obter um acordo de paz com a participação do Vietnã do Sul e podemos refletir sobre qual era a chance do governo de Thieu aceitar a retirada dos EUA sabendo que havia tropas comunistas cercando seu país ao longo de toda sua fronteira terrestre. Não havia lógica alguma em cogitar um acordo sob tais condições. Da mesma forma, para os Estados Unidos – que entraram na guerra justamente para garantir a independência do Vietnã do Sul – se retirar do conflito sem resolver a questão da fronteira não fazia sentido. Bombardear o Camboja não tinha o objetivo, como alegou Pilger em seu famoso documentário, de “o presidente Nixon mostrar aos vietnamitas apenas o quão duro ele era” (PILGER; MUNRO, 1979), embora demonstrar força fosse fundamental dentro da lógica do poder.

Olhando em retrospecto, Kissinger diria anos depois: “Do meu ponto de vista, não tínhamos opção”; para o diplomata, ou os americanos enfrentavam “um colapso total do

O bombardeio do Camboja (1969-1973): uma análise a respeito de suas causas e seu impacto na ascensão do Khmer Vermelho

Vietnã”, ou deveriam “tentar sair gradualmente...”.³ Como se vê, a chave do fim da presença americana na guerra estava do outro lado da fronteira: para Nixon, levar a guerra ao Camboja era a chance de assinar um acordo de paz mais favorável e, em suas palavras, “vencer essa maldita guerra”; porque, como o presidente disse na época, “nós não iremos ficar parados na mesa de conferências. Mas nós não iremos ganhar com esses babacas vindo aqui, dizendo que há uma crise no Camboja” (DOCUMENT 2, 1970).

A solução, acreditava a Casa Branca, era explorar ao máximo ataques estratégicos de forma a forçar Hanói a ceder na mesa de conferências. Como certa vez disse um funcionário americano em Saigon entrevistado pelo *New York Times*: “Há dez anos estamos tentando ser bonzinhos com os asiáticos, e o fracasso é total. Não dá mais para sustentar” (CHOMSKY, 2006, p. 265). Movidos por uma diplomacia de realismo férreo, Nixon e Kissinger acreditavam que os comunistas só respeitavam a força e só negociariam de boa vontade quando conhecessem o “homem louco” [*Madman Theory*] que havia em Richard Nixon. De modo que pudesse alcançar seus objetivos, Nixon pretendia bombardear a Indochina com tanta violência que “em dois dias o próprio Ho Chi Minh estaria em Paris implorando por paz”.

O bombardeio

Tudo começou em 9 de fevereiro de 1969. Naquele dia, fotos aéreas obtidas pela inteligência americana indicaram que o alto comando militar norte-vietnamita se encontrava infiltrado dentro do Camboja, próximo à fronteira com o Vietnã do Sul, em uma área denominada Área-Base 353 (SHAWCROSS, 2002, p. 19).

A informação chegou a “mais alta autoridade” e foi dado o sinal verde para um ataque aéreo sobre a região. Os militares batizam a operação de *Operação Breakfast* (café da manhã). A princípio, *Breakfest* seria um único bombardeio, somente sobre a Área-Base 353; em 9 de

³ Entrevista a Charlie Rose, 16 de abril de 1998.

fevereiro não se cogitou, em momento algum, um bombardeio geral do Camboja ou uma operação aérea ampla sobre o país. Mas isso mudaria em breve.

Não podendo atacar uma nação neutra, os Estados Unidos planejaram e efetuaram a operação em total sigilo, sem a autorização do congresso ou conhecimento da opinião pública. A expansão do conflito para o Camboja foi, portanto, um ato inconstitucional. Nixon e Kissinger demonstraram uma obsessão pelo segredo da operação: tanto o *Chief of Staff* quanto o Secretário da Força Aérea não foram informados sobre *Breakfest*. Kissinger buscou se justificar dizendo que “não era um bombardeio do Camboja, *mas um bombardeio dos norte-vietnamitas dentro do Camboja*”,⁴ e que o bombardeio seria feito sobre aéreas despovoadas. Todavia, os documentos da própria inteligência americana de antes do ataque reportavam que, somente na área-base 353, viviam 1.640 cambojanos (SHAWCROSS, 2002, pp. 28, 29).

Tudo ocorreu no mais absoluto segredo, como planejado. Os pilotos não eram informados com antecedência sobre seus alvos e somente seguiam instruções de operadores de radar no solo, onde os responsáveis pela emissão das coordenadas possuíam ordens expressas de reunir todos registros, aguardar até a noite e queimar todos os arquivos relativos ao Camboja. Na madrugada de 18 de março de 1969, a Área-Base 353 foi bombardeada. Mais de 40 aeronaves com mais de 30 toneladas de bombas cada, lançaram seus explosivos por quase uma hora de bombardeio ininterrupto sobre uma área de poucos quilômetros quadrados.

O segredo teve seus riscos, mas demonstrou seu valor, posto que o silêncio foi interpretado como sucesso e deu confiança aos americanos. Por que não bombardear as outras aéreas estratégicas? Afinal, aos olhos dos comandantes, *Breakfest* fora um sucesso. Nos 14 meses seguintes, novas operações foram feitas. O bombardeio da Área-Base 609 recebeu o nome de *Lunch* (almoço); o da Área-Base 351, *Snack* (lanche); o da Área-Base 352, *Dinner* (jantar), e assim por diante. Aquilo que começou com uma única operação terminou

⁴ Entrevista de Henry Kissinger a Charlie Rose, 16 de abril de 1998.

O bombardeio do Camboja (1969-1973): uma análise a respeito de suas causas e seu impacto na ascensão do Khmer Vermelho

com um ano de bombardeios sistemáticos sobre diversas áreas do país. O café da manhã rapidamente se tornou um cardápio completo. No fim, o conjunto das operações recebeu um nome apropriado, pelo qual a primeira etapa do bombardeio do Camboja seria conhecida: *Operação Menu*.

Não se sabe ao certo se Sihanouk autorizou o bombardeio ou simplesmente aceitou que não havia nada que pudesse fazer para impedi-lo.⁵ Para os dirigentes do Khmer Rouge foi, literalmente, um presente que caiu dos céus. Quanto mais as bombas caíam, mais as pessoas se juntavam às fileiras dos comunistas. Se aproveitando das casas destruídas, dos familiares mortos e dos sobreviventes desejosos de vingança, o bombardeio americano foi a arma de propaganda suprema. Um Khmer Vermelho lembraria: “Embora eles não quisessem se juntar a nós, quando a tempestade chegou, eles vieram e tiveram que se refugiar em nossos abrigos” (KIERNAN, 2004, p. 297).

O fato é que a Guerra do Vietnã estava rapidamente afetando o Camboja. Era simplesmente impossível negar que os vietnamitas se encontravam infiltrados nos santuários; os serviços de inteligência estimavam que havia 40 mil soldados vietnamitas dentro do Camboja (KIERNAN, 2004, p. 286). Sihanouk, como Dom Quixote, lutava contra os ventos; ele tentou, por meio da neutralidade, fazer do Camboja um local de paz em meio a um subcontinente imerso em uma guerra sangrenta. Mas sua tarefa era simplesmente impossível: os americanos precisavam sacrificar o Camboja para salvar o regime aliado do Vietnã do Sul e o início do bombardeio foi o primeiro sinal de que as coisas estavam saindo do controle do rei. Em *Year Zero: The Silent Death of Cambodia*, Pilger alega que “o objetivo final [dos bombardeios] era acabar com a base vietcongue no Camboja. Base esta que só existia na imaginação dos generais americanos” (PILGER; MUNRO, 1979). Não é uma afirmação correta, pois, como se vê, tanto a inteligência americana quanto a khmer indicavam que a ocupação do território cambojano por parte das tropas vietnamitas era um problema real.

⁵ A questão é controversa. Ver: David P. Chandler (1999), p.83; Philip Short, (2004), p.182; William Shawcross, (2002), pp. 68, 69, 70,94; David P. Chandler, (1991), p.173.

Desde o início dos anos 1960, Sihanouk viu a guerra afetar a economia cambojana. Para piorar ainda mais, seu estilo autoritário o havia alienado da esquerda, dos intelectuais e jovens urbanos. Ao mesmo tempo, seu comportamento errático e imprevisível (e seu hábito de dominar todos os assuntos da nação) vinham tornando-o impopular com a classe média. Por fim, a direita estava insatisfeita com o ímpeto com que o príncipe buscava manter a nação fora da guerra quando os comunistas ocupavam descaradamente seu território. Cada vez mais, o rei passava a ser ofuscado por outras figuras do governo: seu primo, Sirik Matak, e o primeiro-ministro, Lon Nol.

Nacionalista fanático, Lon Nol, nas palavras de Chandler, “via a si próprio como o salvador do Camboja” (CHANDLER, 1997, p. 38). Ele fora o principal responsável pela repressão aos comunistas ao longo do reinado de Sihanouk e, até a escalada da guerra, fora o braço direito do rei. Como responsável pela defesa, ele e seu exército se alimentavam da Guerra Civil e passaram a exercer cada vez mais influência e pressão sobre Sihanouk, exigindo que o Camboja tomasse lado no conflito e declarasse guerra aos vietnamitas.⁶

Aproveitando que Sihanouk estava fora do país, Lon Nol realizou um golpe de Estado e assumiu o poder em 18 de março de 1970. Foi uma jogada política inesperada, apesar de pouco surpreendente; um homem disposto a acabar com o status quo neutro era exatamente o que o governo Nixon estava aguardando, a despeito de, ao que parece, os norte-americanos não terem tomado parte no golpe por acreditarem que pudessem convencer Sihanouk a declarar seu apoio ao Ocidente (KIERNAN, 2004).

O golpe mudou totalmente o balanço de forças. Não podemos, de forma alguma, subestimar seu impacto: o novo governo rompeu com a neutralidade e, além de manter conflito contra o Khmer Rouge, também se juntou na luta contra o Vietnã do Norte. Se até então a guerra era entre a monarquia de Sihanouk e as guerrilhas comunistas, a partir deste

⁶ “Um dos temas favoritos de Lon Nol, sobre o qual ele produziu uma série de panfletos, era a “guerra religiosa” no qual ele tentava identificar os comunistas khmer e vietnamitas com os *thmil*, os inimigos da fé verdadeira, de acordo com o velho folclore budista”: Michael Vickery (1984), p.11

O bombardeio do Camboja (1969-1973): uma análise a respeito de suas causas e seu impacto na ascensão do Khmer Vermelho

momento, novos atores entravam em cena: com o Camboja tomando lado na guerra, o exército do Vietnã do Norte se juntou ao Khmer Vermelho para derrubar o governo de Lon Nol.

Foi um erro de cálculo fatal para a história do Camboja. Ao implementar o golpe, os militares - e a classe média urbana que os apoiaram - subestimaram as forças a seu redor, pensaram que havia chance de o país tomar um lado na guerra sem ser engolido por ela. Com o governo pró-ocidente de Lon Nol entrando em conflito com o Vietnã do Norte, a fronteira oeste do Vietnã do Sul se viu, subitamente, como palco da Guerra. Os Estados Unidos, então, decidiram intervir no país e combater os norte-vietnamitas infiltrados e o Khmer Rouge dentro do próprio Camboja. A primeira etapa do conflito cambojano (1967-1970) chegava ao fim. A guerra do Vietnã atravessava as fronteiras do Camboja: começava a segunda etapa da guerra civil.

A Guerra ultrapassa a fronteira

Um mês depois, em 29 de abril, tropas americanas, com o auxílio do exército do Vietnã do Sul, adentraram o Camboja. Nixon descreveu a operação como uma “extensão necessária da guerra no Vietnã.” No dia seguinte, em um discurso transmitido ao vivo para toda a nação, o presidente foi enfático: “Esta não é uma invasão do Camboja”. Foi uma operação polêmica, cujo único intuito era defender a fronteira do Vietnã do Sul; iria não somente prolongar a participação dos EUA na guerra, como também iria intensificá-la ao expor mais soldados na linha de frente. Para muitos analistas, uma incursão terrestre ao Camboja iria, além de gerar criticismo interno, prolongar e dificultar a saída do país do conflito. Mas, atrelados ao regime de Thieu, os Estados Unidos estavam dispostos a prolongar sua participação na guerra, se necessário, para manter vivo seu projeto de ‘Vietnamização’. Como protesto, três dos assessores de Kissinger renunciaram em oposição à incursão e o país foi tomado por protestos estudantis, dentre eles, *Kent State*.

Em março, após o golpe, os bombardeios cessaram temporariamente. Até aquele momento, os B-52s haviam lançado dezenas de milhares de toneladas de explosivos sobre a região leste do Camboja, sendo, em sua maioria, sobre regiões povoadas. Em maio, as bombas retornaram com força máxima. Com Lon Nol no poder, as operações no Camboja atingiram novos níveis de violência. Começava uma nova operação de ataques aéreos [Operação *Freedom Deal*], desta vez mais brutal que, ao longo de seus três anos de duração, afetaria aproximadamente 20% do território cambojano.

Consequência imediata da escalada dos bombardeios, o êxodo rural atingiu proporções assustadoras. Phnom Penh, por exemplo, tinha cerca de 600 mil habitantes antes da guerra; em 1975, a população da capital era de cerca de 2,5 milhões. Se considerarmos a população do Camboja na época, os números indicam que cerca de 20% da população do país era composta de refugiados vivendo na capital. Um estudo de 1971 – dois anos antes do ápice dos bombardeios – apontava que 60% dos refugiados entrevistados nas cidades haviam fugido por causa das bombas (KIERNAN, 2004, p. 350).

Seria essa massa de camponeses pobres, que haviam perdido tudo, que formaria o primeiro grupo a se juntar às fileiras do Khmer Vermelho. Seriam eles que, revoltados, pegariam em armas contra o regime de Lon Nol. A inteligência de Lon Nol e dos EUA indicavam que, em 1969, os Khmer Rouges eram cerca de 2.400. Do início de 1969 até o final de 1970, mais de 50 mil khmers se juntariam aos comunistas (KIERNAN, 2004). Pol Pot se recordaria anos depois: “De quase mãos vazias em 1968, até março de 1970 nós tínhamos um exército de 4.000 homens e 50.000 guerrilheiros espalhados pelo país” (POT, 1978a, p. 10).

Outro fator agravaria ainda mais a situação: Sihanouk, desapontado com a perda do poder, declarou seu apoio aos comunistas. Em 23 de março de 1970, poucos dias após o golpe, o monarca se juntou ao Khmer Vermelho e anunciou a formação da Frente Unida Nacional do Kampuchea (FUNK), convocando a população a se insurgir contra Lon Nol. Ao derrubar a monarquia, se aliar aos EUA e se posicionar contra Hanói, o golpe de Lon Nol fez

O bombardeio do Camboja (1969-1973): uma análise a respeito de suas causas e seu impacto na ascensão do Khmer Vermelho

algo que jamais teria sido possível em outro momento da história do Camboja: unificou Sihanouk, os comunistas do Khmer Rouge e os norte-vietnamitas.

Em um país com um histórico milenar de lealdade monárquica, o apoio do rei direcionou as massas: apoiado pelo antigo rei e seus seguidores, o Khmer Rouge se fortaleceu mais e mais. Para Lon Nol, a situação se deteriorava rapidamente. É notável como em um período de poucos meses, o bombardeio americano, o apoio político de Sihanouk e o apoio militar do Vietnã do Norte conseguiram transformar completamente o KR, que passou de uma guerrilha minúscula e desorganizada para uma imensa massa de soldados. Como Kiernan constou:

O apelo de Sihanouk, e o fato de que (como a inteligência de Lon Nol reportou) 'os bombardeios aéreos contra vilarejos causaram perdas civis em larga escala', foram fatores que, combinados, deram aos comunistas a vantagem no Camboja apenas meses após o golpe de Lon Nol (KIERNAN, 2004, pp. 307, 308).

Em julho de 1970, a operação terrestre americana foi encerrada, os soldados americanos se retiraram do território do Camboja após três meses, como planejado. Daquele momento em diante, somente os bombardeios iriam continuar. Por um lado, a breve operação terrestre no país foi um sucesso ao temporariamente neutralizar as tropas de Ho Chi Minh ao longo da fronteira e garantir uma breve sobrevida à fronteira oeste do Vietnã do Sul; por outro, essa mesma operação, aliada aos bombardeios, teve uma consequência catastrófica: ao invés de expulsá-los de volta ao Vietnã, terminou por deslocar os exércitos comunistas do Khmer Vermelho e do Vietnã do Norte ainda mais para dentro do Camboja, deixando-os cada vez mais fortalecidos. O caráter paradoxal da luta no Camboja era evidente: combater os comunistas do Vietnã do Norte fortalecia os comunistas do Camboja.

A popularidade do governo de Lon Nol despencava. Mais um evento piorou a situação: em 9 de outubro de 1970, Lon Nol proclamou a República Khmer; acreditava-se que uma ruptura com o passado era necessária para modernizar o país. Analisando em retrospectiva, podemos afirmar que a proclamação da república foi uma atitude suicida. Os camponeses do

Camboja acreditavam na divindade do rei, no seu poder de fazer chover, de controlar o clima e as colheitas - o Camboja não estava nem um pouco preparado para uma interrupção abrupta após séculos de monarquia. Nenhum camponês, e estamos falando de um país com cerca de 80% de sua população com origens no campo, lutaria por qualquer outro homem além do deus-rei Sihanouk. Um documento norte-vietnamita capturado, referente ao Camboja, indicava que a luta estava sendo bem-sucedida, e que “a maioria do povo khmer apoia Sihanouk” (KIERNAN, 2004, p. 317). Como Short (2004) falou, para “um povo medieval”, a derrubada de Sihanouk fora “um evento cósmico”.

A República foi o último prego no caixão do novo governo. Com Sihanouk e o Vietnã do Norte aliados ao Khmer Vermelho e Lon Nol desacreditado, a questão não era se, mas quando o Camboja iria cair nas mãos dos comunistas. Em 9 de dezembro, desapontado com a crescente força de seus inimigos, Nixon vociferou: “Ah, o maldito Abrams [comandante americano no Vietnã] pode fazer mais e a maldita força aérea pode fazer mais quanto a atingir o Camboja!”. Em seguida, ordenou a Kissinger: “Qualquer maldita coisa que voe, que vá até o Camboja e atinja qualquer alvo que se mexa!” (DOCUMENT 2, 1970).

No campo, o regime do Lon Nol caía feito um castelo de cartas. Fora das cidades, o país cedia a ritmo veloz nas mãos dos rebeldes – a insurgência era movida pelo apoio da enorme massa camponesa. De acordo com um memorando secreto do Conselho Nacional de Segurança (ASSESSMENT...,1973) enviado a Kissinger, o governo se encontrava “progressivamente imobilizado”.

Em um círculo vicioso, a violência atingiu patamares horrendos, a guerra se tornava cada vez mais sangrenta e brutal. Os bombardeios continuavam e, nas palavras de um cambojano, “as pessoas estavam bravas com os Estados Unidos e é por isso que tantas delas se juntaram aos comunistas do Khmer” (KIERNAN, 2004, p. 351).

Os Acordos de Paz de Paris

O bombardeio do Camboja (1969-1973): uma análise a respeito de suas causas e seu impacto na ascensão do Khmer Vermelho

A notícia chegou ao quartel dos Khmer Rouges no final de 1972: Hanói estava disposta a assinar a paz com os americanos. Ódio, revolta e desespero se disseminaram pelas fileiras do KR. Agora que os vietnamitas estavam prestes a selar a paz, o que aconteceria com os Khmer Rouges? Ora, o representante dos comunistas era a FUNK, liderada – mesmo que simbolicamente – por Sihanouk. E se Kissinger decidisse convocar Sihanouk à mesa de negociações e lhe devolver o Camboja, retirando dos comunistas a chance de vitória? Com a retirada do exército norte-vietnamita do Camboja prevista no acordo, mais Sihanouk sendo aceito como governante legítimo pelos EUA e pelo Vietnã do Norte - e apoiado pelo campesinato leal ao rei - não haveria chance alguma do Khmer Vermelho tomar o poder.

Havia somente uma solução: continuar a guerra; isso minava qualquer chance de uma paz em separado entre Sihanouk, Kissinger e Hanói. A continuação da luta armada era, acima de tudo, a única forma de os Khmer Rouges garantirem que seriam eles os que tomariam o poder. Pol Pot informou os diplomatas de Hanói: “Nós respeitaremos o que os camaradas do Vietnã decidirem em relação a seus assuntos. Quanto a nós, nós não iremos cessar fogo. Nós iremos continuar a luta e estamos certos da vitória” (BLACK PAPER, 1978, p. 70).

Sabendo que se assinassem o acordo eles estariam ou submetidos a Sihanouk, a um governo satélite do Vietnã ou a um governo de frente com elementos não desejados, os Khmer Communists se recusaram a ir às negociações. Pressionada por Washington para chegar a um acordo, Hanói decidiu pressionar o KV. Além de retirar suas tropas, suprimentos de armas também foram cortados. Os cambojanos, no entanto, foram resistentes. Por fim, para evitar conflitos com seu vizinho, o Vietnã retomou o envio de suprimentos após algumas semanas, mas o atraso em receber munições teve fortes implicações, pois impossibilitou uma grande operação antes da estação das chuvas, atrasando em meses a ofensiva final contra Phnom Penh.

Se nenhum ano é tão importante para a ascensão política do Khmer Rouge quanto 1970, certamente nenhum é mais importante para sua ascensão militar do que 1973. Entre o

golpe de 1970 e o final de 1972, o exército do Vietnã do Norte foi a principal força que lutou contra Lon Nol. O mal treinado e mal equipado exército do Khmer Rouge – apesar de numeroso – jamais teria sido capaz de ter conquistado suas vitórias sozinho. Agora, mesmo que solitários em sua luta, os comunistas khmer perceberam que conquistar o Camboja era um objetivo, embora duro, alcançável.

Mas tal recusa em se sentar à mesa e negociar a paz teve seu preço. A atitude dos comunistas cambojanos despertou a cólera dos americanos. Kissinger havia dito que se os cambojanos continuassem a “rechaçar compromissos e negociações”, B-52s seriam enviados para “destruí-los” (BECKER, 1998, p. 27; BLACK PAPER, 1978, p. 70).

Apesar das ameaças, eles mantiveram sua posição. Em 27 de janeiro de 1973 foi assinado o Acordo de Paris para o Fim da Guerra e Restauração da Paz no Vietnã. Os acordos previam o fim dos bombardeios sobre o Vietnã e o Laos – mas não sobre o Camboja. Posto que o Khmer Vermelho se recusou a assinar o Acordo, não foi, de forma alguma, coincidência que 1973 tenha sido o ano mais brutal dos bombardeios. Dado os termos do Acordo, os Estados Unidos estavam livres para bombardear o país à vontade e assim o fizeram: entre janeiro e agosto de 1973 foi realizado sobre o Camboja um dos maiores bombardeios da história do conflito humano. Em somente oito meses, “mais de 250 mil de toneladas de toneladas de bombas foram lançadas sobre um país que não estava em guerra com os Estados Unidos e não possuía tropas americanas dentro de suas fronteiras” (CHANDLER, 1999, p. 96).

Tinha início o período que o Khmer Rouge chamou de os “200 dias e 200 noites de terror”. Desdém é uma palavra demasiado fraca para descrever como o Camboja era visto, os oficiais militares o chamavam de “the only game in town”, uma zona de bombardeio livre, um “*Sideshow*”, ou seja, um coadjuvante no palco da guerra. Podemos citar um caso ocorrido em 1973, quando uma tripulação americana lançou, por acidente, suas bombas sobre uma cidade aliada. Mais de 150 pessoas morreram e outras 250 ficaram feridas no incidente. Quando os repórteres ocidentais pressionaram as autoridades por esclarecimentos, o adido

O bombardeio do Camboja (1969-1973): uma análise a respeito de suas causas e seu impacto na ascensão do Khmer Vermelho militar da embaixada dos Estados Unidos foi lacônico: “Eu vi algumas bombas pela cidade, mas não foi nenhum grande desastre” (SCHANBERG, 1985, p. 4).

Os bombardeios sobre o Camboja continuaram em escala faraônica até que em junho foi aprovada a emenda Case-Church, que legalmente proibia o presidente de interferir no Camboja e no Laos sem a aprovação prévia do congresso; ademais, o congresso ordenou que a partir de 15 de agosto os bombardeios cessassem. Entre 1969 e 1973, os Estados Unidos lançaram sobre o Camboja mais do que o dobro de bombas lançadas sobre o Japão ao longo da Segunda Guerra. Ao todo, foram mais de 3.600 missões, com aproximadamente meio milhão de toneladas de bombas lançadas sobre o país. Nas palavras de Shawcross: “o velho Camboja fora destruído para sempre”.

A Geopolítica

Era uma questão que ia muito além das vontades pessoais de Nixon e Kissinger ou do sucesso de um projeto de retirada da região. Não era somente uma questão de prestígio, mas de geopolítica. Era mais do que a Teoria do Dominó: não se tratava somente dos vizinhos de Vietnã, mas de todo país fora da esfera americana que pudesse, de uma forma ou de outra, seguir o exemplo da Indochina. O equilíbrio das forças globais da Guerra Fria estava em jogo e os Estados Unidos, como grande potência, não poderiam correr o risco de permitir tamanha instabilidade nas esferas de poder. Em outras palavras: o único acontecimento que poderia ser mais prejudicial que o colapso do Vietnã do Sul era o impacto ideológico que isso teria no resto do mundo. Em um artigo de 1968 sobre as negociações de paz, Kissinger escreveu:

Uma retirada unilateral ou um acordo que, inintencionalmente, leve a isso, poderia levar a uma erosão das amarras e a uma situação internacional ainda mais perigosa. Nenhum *policymaker* americano pode ignorar os perigos (FERGUSON, 2016, p.842).

Apenas três anos antes, em uma viagem ao Vietnã, o diplomata percebera o dilema americano e anotou em seu diário que a questão da Indochina significava muito mais que a salvação do regime de Saigon:

O que estava em jogo aqui era a posição futura dos Estados Unidos no mundo. Clifford me perguntou se eu achava que valia a pena salvar os vietnamitas. Eu disse que a questão já não era mais essa... (FERGUSON, 2016, p.xvi; a ênfase é minha)

A máxima de Shawcross é, pois, perfeita: “No Camboja, as vontades de um povo pequeno e vulnerável foram sacrificadas de maneira consciente em prol dos interesses das decisões estratégicas” (SHAWCROSS, 2002, p. 396). Mais uma vez, o discurso à nação de Nixon é esclarecedor:

Nós não iremos reagir a esta ameaça a vidas americanas [a presença dos santuários no Camboja] com meros protestos diplomáticos. Se o fizéssemos, a credibilidade dos Estados Unidos seria destruída em todas áreas do mundo em que somente o poder dos Estados Unidos impede a agressão. [...] Se, quando a situação está difícil, a nação mais poderosa do mundo age como um gigante desamparado e digno de pena, as forças do totalitarismo e da anarquia irão ameaçar as nações e instituições livres ao redor do mundo (NIXON, 1970).

Para o presidente e seu secretário, o papel do bombardeio é, pois, ressignificado ao longo de sua própria existência e ele se torna um poderoso instrumento geopolítico. À medida que os Estados Unidos retiravam suas tropas da Indochina, a ação militar readquiria significado e aumentava seu papel por sua capacidade de criar – ou manter – uma ordem política que lhes parecia favorável. Retomando Kissinger, impedir a vitória do Khmer Vermelho significava também impedir “a erosão das amarras” do equilíbrio global, o que estava em jogo era “a posição dos Estados Unidos no mundo”. Não se tratava de salvar os regimes de Lon Nol e de Thieu: “A questão já não era mais essa...”

Conclusões

Os efeitos dos bombardeios na ascensão do Khmer Vermelho não são, de forma alguma, simples de serem esclarecidos e há muita controvérsia quanto ao efeito das operações. Para alguns autores, bombardear o Camboja não alimentou o KR; muito pelo

O bombardeio do Camboja (1969-1973): uma análise a respeito de suas causas e seu impacto na ascensão do Khmer Vermelho

contrário, atrasou sua vitória. Para outros, o Khmer Vermelho é um “filho” dos Estados Unidos. O caráter paradoxal do bombardeio permite que ambos os lados tenham suas razões. De certo modo, o bombardeio do Camboja funcionou como uma enorme panela de pressão selada: ao mesmo tempo em que impedia que as forças que estavam dentro dela saíssem, alimentava essas forças e as tornava cada vez mais poderosas. Até 1973 o Khmer Rouge se viu impossibilitado de lançar grandes ofensivas. Em um sentido militar e geográfico, os bombardeios tornavam difícil a mobilização de grandes tropas e, conseqüentemente, grandes operações. Não fossem os bombardeios americanos, a falta de comunicação e heterogeneidade entre as zonas conquistadas, e a citada breve ruptura com Hanói, os Khmer Rouges teriam conquistado Phnom Penh já em 1973. Contudo, a destruição material gerada pelas bombas, embora limitasse o poder de ação das tropas, fazia com que milhares de camponeses desabrigados se juntassem às fileiras dos insurgentes. Era apenas uma questão de tempo até a panela explodir. Uma vez encerrada a operação aérea, as forças que ela simultaneamente continha e alimentava, simplesmente saíram de controle. Aqui, tocamos no grande calcanhar de Aquiles do bombardeio: uma vez iniciado, ele simplesmente não podia parar; na verdade, seu curso inevitável era se tornar cada vez mais intenso.

Seu impacto na desestabilização da sociedade rural do Camboja é impossível de ser subestimado. Os campos no leste do país estavam completamente devastados e os milhares de desabrigados simplesmente não tinham para onde ir; para muitos, juntar-se aos comunistas era uma escolha óbvia (BIZOT, 2014). Chandler explica perfeitamente os efeitos contraditórios do bombardeio:

É difícil de se julgar o efeito dos bombardeios na sociedade rural, mas, tendo em vista a tonelagem e o despreparo do Camboja, devem ter sido catastróficos. Alguns estudiosos argumentam que os bombardeios ajudaram o Khmer Vermelho a ganhar milhares de recrutas engajados e vingativos. Há corroboração para isso. Claramente, acelerou o colapso da sociedade rural e pavimentou o caminho para o controle político comunista. Também empurrou milhares de camponeses para as cidades [...] A curto prazo, porém, a campanha teve o efeito que os americanos desejavam – rompeu o cerco

comunista a Phnom Penh. A guerra iria se arrastar por mais dois anos (CHANDLER, 1999, pp. 96,97).

Kissinger, em uma entrevista de 1998, falou sobre o bombardeio e revelou um pouco dessa faceta paradoxal:

Nós estávamos bombardeando os Khmer Rouges que estavam matando cambojanos [...] dizer que aqueles que realmente tentaram impedir a tomada de poder do Khmer Rouge foram responsáveis pelo Khmer Rouge assumir o poder é o mesmo que dizer 'pessoas que bombardearam Hitler são responsáveis pelo genocídio'.⁷

Em sua grande maioria, o campesinato apoiou os comunistas do Camboja. Muitos camponeses se juntaram ao KR por acreditar que sua ideologia libertaria os povos do campo. Ademais, não era difícil de fazer a associação de que os americanos bombardeavam incessantemente o Camboja rural para sustentar os governos de Lon Nol e Thieu. Uma vez que a queda de ambos regimes era iminente, por que não acelerar o processo, se juntar aos comunistas e terminar com os bombardeios, com as mortes, com a fome? Short escreve:

Os B-52 foram uma corda no pescoço do governo ao inundar as cidades com um desmoralizado detrito de miséria humana que as autoridades não podiam amenizar, e deram aos Khmer Rouges a sorte grande que eles exploraram ao máximo como arma – levando camponeses para aulas de educação política no meio de crateras de bombas e estilhaços, explicando para eles que Lon Nol havia vendido o Camboja aos americanos para se manter no poder e que os EUA, como a Tailândia e o Vietnã, estavam de olho na aniquilação do país para que, quando a guerra acabasse, o Camboja deixasse de existir (SHORT, 2004, p. 218).

Um historiador francês certa vez escreveu que “sem Sihanouk mudando de lado e os Vietminh oferecendo enormes pedaços de território cambojano ao Khmer Rouge, os jovens guerrilheiros jamais teriam entrado vitoriosos em Phnom Penh” (LOCARD, 2005, p. 126). Sua afirmação aborda uma questão de grande importância: será possível negar o impacto das dinâmicas internas do Camboja na ascensão de Pol Pot? Embora o bombardeio feito pelos Estados Unidos tenha contribuído para a vitória do Khmer Vermelho ao jogar o campesinato

⁷ Entrevista a Charlie Rose, 16 de abril de 1998.

O bombardeio do Camboja (1969-1973): uma análise a respeito de suas causas e seu impacto na ascensão do Khmer Vermelho definitivamente contra o governo republicano de Lon Nol, é preciso ressaltar que o Golpe de 1970 foi tão importante quanto os B-52s na conquista comunista.

Como negar a importância da aliança firmada entre Sihanouk e o Khmer Vermelho? E, tão importante quanto a aliança do rei com os comunistas foi a decisão tomada por Lon Nol de romper a neutralidade: a ruptura levou a um efeito dominó incontrolável e trouxe a guerra do Vietnã para dentro do Camboja. Foi o golpe de 1970, e não o bombardeio americano, que colocou o poderoso exército do Vietnã do Norte contra o frágil Estado cambojano. Atribuir ao bombardeio americano a responsabilidade integral pela ascensão de Pol Pot ao poder é ignorar fatos importantíssimos. Mais: é eliminar o Camboja da história, atribuir-lhe um papel coadjuvante, sem importância, monolítico, imutável – cujo destino é decidido, única e exclusivamente, pelas mãos das potências. É uma história que silencia o outro.

A história lida com o que foi. E, dentro do modo como a história se desenrolou naquele pedaço do Sudeste Asiático e naquele determinado período de tempo, o bombardeio demonstrou ser uma opção viável e lógica – tão viável e tão lógica que, dadas as circunstâncias, se tornou difícil, quase impossível, de ser impedido.

Não há sombra de dúvidas que a violência com que os Estados Unidos bombardearam o Camboja alimentou um dos mais fortes sentimentos demonstrados pelo Khmer Rouge: o exacerbado senso de autoafirmação. Um membro da comitiva iugoslava que visitou o país em 1978 se lembraria dos comunistas khmer como homens que pareciam uma pessoa quieta e tímida, totalmente ignorada ao longo dos anos, mas agora que finalmente tinha voz falava sem parar e em constante estado de êxtase (SHORT, 2004). A queda de Phnom Penh foi um evento de extraordinária importância para esse pensamento, posto que a tomada da capital foi vista como a prova de que, desde o princípio, o Khmer Rouge havia tomado o caminho certo. Sua vitória sobre o Camboja alimentaria um senso radical de autoafirmação, fazendo da conquista do país um evento lendário, folclórico, uma tarefa impossível que foi realizada graças à obstinação do Khmer Rouge em sua luta e fanatismo. Pol Pot falou:

Conquistamos todas essas vitórias gloriosas com total independência e soberania. Vencer, ao mesmo tempo, quatro inimigos tão cruéis [os EUA, Lon Nol, Thieu e o Vietnã do Norte] é uma façanha única nos anais do Kampuchea e um evento raro no mundo. Esta é, realmente, uma vitória gloriosa! (POT, 1978b, p. 5).

A um incrível custo humano, o território e a sociedade cambojanas foram estilhaçados “em prol de decisões estratégicas” que, eventualmente, foram malogradas. Em abril de 1975, Phnom e Penh e Saigon cairiam – com somente 13 dias de diferença – nas mãos dos exércitos comunistas do Khmer Vermelho e do Vietnã do Norte. No olho do furacão, o Camboja foi arrastado para uma guerra indesejada. O Khmer Vermelho de Pol Pot enfim conquistava Phnom Penh, e os três anos e oito meses seguintes entrariam para a história da barbárie humana.

Referências Bibliográficas

ASSESSMENT OF CAMBODIAN SITUATION (March 14, 1973). Arquivo número: LOC-HAK-31-5-17-3. Disponível nos arquivos da CIA por meio do Freedom of Information Act em: <https://www.cia.gov/library/readingroom/docs/LOC-HAK-31-5-17-3.pdf>

BECKER, Elizabeth. When the war was over: Cambodia and the Khmer Rouge Revolution. Nova York: PublicAffairs, 1998.

BIZOT, François. O silêncio do algoz. São Paulo: Companhia da Letras, 2014.

BLACK PAPER: Facts & evidences of the acts of aggression and annexation of Vietnam against Kampuchea. Phnom Penh: Department of Press and Information Ministry of the Foreign Affairs of Democratic Kampuchea, 1978.

CHANDLER, David P. Brother Number One: A Political Biography of Pol Pot. Boulder: Westview Press, 1999.

CHANDLER, David [P.]. “Three visions of politics in Cambodia”. In: DOYLE, Michael W.; JOHNSTONE, Ian; ORR, Robert C. (ed.). Keeping the Peace: Multidimensional UN operations in Cambodia and El Salvador. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

CHANDLER, David P. The Tragedy of Cambodian History: Politics, War, and Revolution since 1945. New Haven: Yale University Press, 1991.

CHOMSKY, Noam. O poder americano e os novos mandarins. Rio De Janeiro: Editora Record, 2006.

O bombardeio do Camboja (1969-1973): uma análise a respeito de suas causas e seu impacto na ascensão do Khmer Vermelho

DOCUMENT 2: Kissinger and President Richard M. Nixon, 9 December 1970, 8:45 p.m. (The Kissinger Telcons). Acessado em 04/01/2019. Disponíveis no Arquivo da Agência de Segurança Nacional: <http://nsarchive.gwu.edu/NSAEBB/NSAEBB123>

DOCUMENT 263: Memorandum From Secretary of Defense Laird to President Nixon Washington, April 27, 1970. Foreign Relations of the United States, 1969–1976, Volume VI, Vietnam, January 1969–July 1970. Disponível na série Foreign Relations of the United States (FRUS) em: <https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1969-76v06/d263>

FERGUSON, Niall. Kissinger: 1923-1968: The Idealist. Nova York: Penguin Books, 2016.

LOCARD, Henri. State Violence in Democratic Kampuchea (1975–1979).

European Review of History. Vol. 12, No. 1, Março de 2005.

KIERNAN, Ben. How Pol Pot Came to Power: Colonialism, Nationalism, and Communism in Cambodia, 1930-1975. New Haven: Yale University Press, 2004.

KIERNAN, Ben. The Pol Pot Regime: Race, Power, and Genocide in Cambodia under the Khmer Rouge, 1975-79. New Haven: Yale University Press, 2008

NIXON, Richard M. Address to the nation on the situation in Southeast Asia, 30 de abril de 1970. O discurso na íntegra está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lkcqGo97NI>. Acessado em: 02/01/2019

PILGER, John; MUNRO, David. Year Zero: The Silent Death of Cambodia, 1979. Filme-documentário.

POT, Pol. Speech by Comrade Pol Pot: Secretary of the Central Committee of the Communist Party of Kampuchea at the great mass meeting commemorating the 10th anniversary of the founding of the Revolutionary Army of Kampuchea. Phnom Penh, January 17, 1978. Phnom Penh: Department of Press and Information Ministry of the Foreign Affairs: Democratic Kampuchea, 1978a

POT, Pol. Speech by Comrade Pol Pot: Secretary of the Central Committee of the Communist Party of Kampuchea on the occasion of the 18th Anniversary of the founding of the Communist Party of Kampuchea, Phnom Penh, September 27, 1978. Phnom Penh: Department of Press and Information Ministry of the Foreign Affairs: Democratic Kampuchea, 1978b

SCHANBERG, Sydney H. The Death and Life of Dith Pran. Nova York: Penguin Books, 1985.

SHAWCROSS, William. Sideshow: Kissinger, Nixon, and the destruction of Cambodia. New York: First Cooper Square Press, 2002.

SHORT, Philip. Pol Pot: anatomy of a nightmare. Nova York: Henry Holt and Company. 2004.

STATEMENTS by Prince Norodom Sihanouk: 1965-1973. Washington: Embassy of the Khmer Republic: Press Section, 1973.